

O DRAMA DE JESUS

Poucas pessoas compreendem o drama de Jesus e a razão pela qual os judeus se recusaram a reconhecer Nele o Messias esperado: Ele recusou-se a restaurar um Reino judeu porque, como Ele tinha revelado, o Reino de Deus «não é deste mundo» (João 18,36). Assim, um Estado judeu é tão condenável por Deus como um Estado cristão ou muçulmano.

De fato, Deus é para todos os crentes, mas os estados pertencem aos seus cidadãos, crentes e não crentes de igual modo.

1. Sionismo versus Judaísmo

O drama de Jesus é o sionismo, a politização do judaísmo. O problema está todo aí! A essência do judaísmo é espiritual. Esta fé em Deus começou com Abraão, há 4000 anos atrás, a quem o Criador se revelou para se dar a conhecer a **todos os homens**. A intenção divina não era criar uma corrente política judaica restrita, mas sim difundir o conhecimento do Deus único. Ao longo dos séculos, o sionismo sufocou o judaísmo ao ponto de o reduzir ao nacionalismo judeu. Os Hebreus acreditavam que tinham de traduzir a sua fé na criação de um Estado nacional. O judaísmo é uma fé ou um estado? Do ponto de vista de Deus, os dois não são compatíveis. Essa é a tragédia!

2. História da Politização do Judaísmo

O judaísmo deu uma viragem política no século XI a.C. depois de os israelitas terem entrado na Palestina. Desde então, a comunidade judaica quis tornar-se um reino: «O povo de Israel disse a Gideon: 'Reina sobre nós, tu, teu filho e teu neto...'; Gideon respondeu-lhes: 'Não reinarei sobre ti, nem reinarei sobre o meu filho, pois é Deus que deve ser o teu Rei'» (Juízes 8,22-23). Gideon compreendeu o perigo de tal dinastia política e rejeitou o projecto, como Jesus fez depois dele, declarando que Deus é o único Rei.

Uma segunda tentativa foi feita um século mais tarde sob o comando de Samuel. Desta vez foi estabelecido um reino judeu com Saul como primeiro rei, mas contrariamente à vontade explícita de Deus e do Profeta Samuel. Pois Deus considerou-se destronado pelos judeus e declarou a Samuel: «...Eu sou aquele que eles rejeitaram, não querendo que eu reine sobre eles» (1 Samuel 8,7).

Após a entronização de Saul, Samuel convidou a comunidade israelita a arrepender-se e a reconhecer o seu erro por ter escolhido um homem como rei: «Reconhece claramente quão grave é o mal que fizeste aos olhos de Deus ao pedires um rei para ti» (1 Samuel 12,17). E os judeus confessam: «Completamos todos os nossos pecados pedindo um rei para nós» (1 Samuel 12,19). A politização do judaísmo é assim condenada desde o início por aqueles que a instituíram.

Séculos mais tarde, os profetas lembraram os judeus do seu desvio para a política. Deus disse através do profeta Oséias: «Eles (*os israelitas*) fizeram reis, mas sem o meu conhecimento; criaram governantes, mas sem o meu conhecimento... (Oséias 8,4)... Destruíste-te a ti próprio, Israel! Só em Mim está a vossa ajuda! Onde está então o vosso rei? Deixe-o salvá-lo! Os seus líderes, deixe-os protegê-lo! Aqueles cujos líderes disse: 'Dê-me um rei e líderes'. Dei-vos um rei na minha ira e, na minha ira, tirei-o de vós» (Oséias 13,9-11).

De fato, o reino foi tomado de Israel após a invasão babilónica sob Nabucodonosor em 586 AC. O Templo de Salomão foi destruído, os judeus foram deportados para a Babilónia, e o reino, a dinastia de David, deixou de existir em Israel desde então (2 Reis 25:8-12 / 2 Crónicas 36:17-21).



Cristo no deserto (Ivan Kramskoi)

Desde então, os israelitas tornaram-se nostálgicos por este reino davídico, esquecendo totalmente que o único Rei é Deus. Nos séculos que se seguiram à invasão da Babilónia, tentaram muitas vezes restabelecer o seu reino em Israel. Eles viram o Messias como a única pessoa que poderia restaurar este reino Davidico. Este reino terreno tornou-se a sua obsessão. Como o velho Simeão e Hannah, esperavam com toda a sua força este «consolo de Israel», esta «libertação política de Jerusalém» (Lucas 2,25-38).

No primeiro século a.C., sob o Império Romano, os judeus conseguiram restabelecer um reino com a ajuda dos romanos. O primeiro rei foi Herodes, o Grande. Não obteve o consentimento do povo, não sendo da linhagem de David, mas um descendente dos Macabeus (da tribo de Levi). Além disso, Herodes era apenas um agente pago pelos romanos, entronizado por eles para apaziguar os judeus em busca de um reino.

Agora os judeus queriam um reino autónomo governado por uma **dinastia descendente de David**. Por conseguinte, procuraram erguer-se contra Herodes e os romanos para restabelecer este reino. Mas eles acreditavam que o Messias tinha de aparecer primeiro a fim de reunir o povo para lutar contra os romanos. Esta nostalgia crescente de um reino israelita ofuscou totalmente a dimensão espiritual do judaísmo. Esperava-se que o Messias apenas «salvasse» militarmente Israel, a fim de restaurar um vasto império judeu, um «Grande Israel» semelhante ao de Salomão.

3. João Batista

Ao verem João Batista atacar Herodes (Marcos 6:17-20 / Lucas 3:19-20), os nacionalistas levaram-no para o Messias e seguiram-no em grandes multidões. Mas ele disse às multidões que outro, mais poderoso e mais importante que ele, iria aparecer (Mateus 3,11 / João 1,26-37). Mas para João Batista este Messias que o iria seguir só poderia ser um guerreiro libertador. Ele próprio não compreendeu o comportamento de Jesus e «quando ouviu na sua prisão sobre **as obras de Cristo**, enviou-lhe alguns dos seus discípulos e disse: 'És tu aquele que virá, ou devemos esperar outro'?'» (Mateus 11:2-3). Ele esperava que Jesus reunisse o povo em batalha. Agora estas «obras» de Cristo de que ele ouviu falar eram as de um curandeiro misericordioso e clemente, não as de um revolucionário judeu. Estas obras espirituais não puderam satisfazer os nacionalistas, dos quais João era um.

É por isso que, sem duvidar de Jesus como o enviado divino, João enviou discípulos para lhe perguntar se Ele era o Messias esperado, ou «era necessário esperar outro» como Messias para liderar a revolta? Ele ainda não tinha compreendido a dimensão espiritual da Libertação. É por isso que Jesus tinha dito que João Batista é, devido à sua concepção materialista do Reino, mais pequeno do que o mais pequeno no Reino dos Céus, tendo este último compreendido que este Reino é interior, na alma. O próprio João Batista não tinha compreendido isto (Mateus 11,2-11).

Ainda hoje, todos aqueles que não compreendem esta dimensão continuam à espera deste «outro Messias» para restaurar o reino político em Israel.

4. Jesus

Na época de Jesus, os judeus já tinham perdido a noção espiritual de salvação. Os melhores de entre eles compreenderam este fato politicamente. Para eles, o Messias tinha de nascer de uma família de alta patente ou rica e poderosa de Jerusalém, capaz de mobilizar o povo em batalha. Paradoxalmente, Jesus veio de uma família humilde na remota aldeia de Nazaré: «Pode vir algo de bom de Nazaré?» (João 1:46).

Um pobre carpinteiro não convenceu os israelitas orgulhosos. A sua principal missão era restaurar o judaísmo à sua pureza original e espiritual, libertando-o da política: «O meu reino não é deste

mundo» disse Jesus (João 18,36). Através de Jesus, Deus devia reconquistar o seu trono no coração dos crentes. Este Reino não deveria ser limitado apenas aos judeus, mas a todos os homens de boa vontade em todo o mundo.

Jesus apareceu a falar do Reino de Deus. Os judeus acreditavam Nele quando O viam a fazer milagres, mas viam-no como o libertador político e militar. Em vez de responderem ao Seu convite ao arrependimento, a sua reação aos Seus milagres foi nacionalista.

Queriam forçá-lo a ser o rei político de Israel, para restabelecer o reino de David, Aquele que veio da linhagem de David. De fato, João, no seu Evangelho, diz-nos que os judeus, após o milagre da multiplicação dos pães, acreditaram em Jesus, uma vez que disseram: «Verdadeiramente Ele é o Profeta que deve vir ao mundo». Mas a sua reação a este milagre não foi espiritual, como João acrescenta:

«Jesus sabia que eles vinham para O levar e **fazer dele rei**, por isso fugiu de novo para a montanha sozinho.» (João 6:14-15)

Devemos sublinhar este fato que aqui passa despercebido: «Iam vir e levá-lo para O **fazer rei**. . . e Jesus fugiu». Os judeus não vieram para «pedir» a Jesus, nem para «oferecer» a Ele o reino de Israel, mas para lho impor. Não teve outra escolha senão fugir do que foi uma traição à sua missão. Não teria Ele já rejeitado a oferta do império israelita da mão do diabo? (Mateus 4:8-10).

Nestes versículos vemos o drama de Jesus porque, perante a sua persistência em negar o reino de Israel, os judeus acabaram por o negar, por sua vez, como Messias.

Os nacionalistas ressentiram-se de Jesus e julgaram-no antipatriótico porque Ele não tinha posto o seu poder milagroso ao serviço da nação e do trono. Por isso acusaram-no de «enganar o povo» (João 7,12). Os judeus tinham falsas esperanças de restauração nacional quando O viram agir e falar: «Esperávamos que Ele entregasse Israel», disseram dois dos Seus discípulos após a Sua morte (Lucas 24,21). Visto que Jesus não satisfez as suas esperanças políticas, os líderes judeus concluíram que os Seus milagres foram feitos pelo poder do diabo (João 10,20/ Mateus 12,24-28). Finalmente conseguiram crucificar Jesus porque o seu messianismo espiritual, que galvanizou as multidões, fez dele um obstáculo aos seus objetivos políticos e nacionalistas (João 7,37-52 / 12,10-11).

Contudo, Jesus não foi o primeiro judeu a recusar-se a estabelecer um reino israelita, sabendo que era contrário à vontade de Deus. Não teriam Gideão, Samuel e o próprio Deus falado contra o estabelecimento de tal reino, «sendo Deus o único Rei»?

Jesus teve muita dificuldade em explicar o seu reino espiritual aos seus amigos mais íntimos. Preparou repetidamente os seus Apóstolos para a sua crucificação, não para a batalha contra Herodes e os Romanos. O reino de que Ele lhes falava não era político, e a sua língua nunca foi a de um nacionalista. Nunca falou do Reino de David, mas sim do Reino dos Céus. Esperavam ouvi-lo dizer, por exemplo: «Filhos de Israel, orgulhosos descendentes de Jocó e dos herdeiros da terra, sigam-me, não hesitem em pegar em armas e libertar a terra dos vossos antepassados, etc.». Agora, os seus discursos foram como: «Abençoados são os pobres de espírito, pois deles é o Reino dos Céus; abençoados são os mansos, abençoados são os misericordiosos. . . (Mateus 5:1-12). . . (Mateus 5:1-12). . . O Reino dos Céus é como um homem que semeou boa semente no seu campo. . . (Mateus 13,24) . . . Amai os vossos inimigos, rezai pelos vossos perseguidores. . . (Mateus 5:43-45)».

Aos fariseus que lhe perguntaram «quando virá o Reino de Deus» (*segundo eles, o Reino Davidic*), Jesus respondeu: «A vinda do Reino de Deus não pode ser observada, e ninguém pode dizer: 'Aqui está!' Pois sei que o Reino de Deus está dentro de vós» (Lc 17,20-21). Uma vez que este Reino está dentro de si, já não havia necessidade de esperar por outro Reino fora. Ninguém em Israel

esperava este tipo de Reino ou messianismo. A corrente nacionalista tinha seduzido todos os judeus, incluindo os Apóstolos.

Para estabelecer este Reino divino, o ídolo do Messias político teve de ser quebrado. Jesus sabia que só o poderia fazer ao preço do seu sangue. Por isso preparou os seus Apóstolos para este resultado dramático: «O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos homens, e eles vão matá-lo». Com estas palavras, «ficaram espantados» (Mateus 17,22-23), pois, ainda vendo Nele apenas um Messias nacionalista, não podiam imaginar que Jesus seria derrotado, morto, sem restabelecer o trono e a dinastia de David.

Os Apóstolos tiveram muita dificuldade em compreender a dimensão espiritual do Reino, apesar de Jesus ter permanecido com eles durante três anos. Após a Sua Ressurreição, tinha-se mostrado vivo ao Seu próprio povo e «durante quarenta dias apareceu-lhes e entreteve-os no reino de Deus» (Atos 1,3). Apesar disto, continuaram a acreditar que este Reino era político e perguntaram-lhe, imediatamente antes da Ascensão: «Senhor, restaurarás tu neste momento o reino de Israel?» (Atos 1,6). Só depois de receberem o Espírito Santo, começaram a compreender a intenção do Mestre (Atos 1,7-8 / 11,15-18 / 15,7-11).

Jesus devia substituir, na mentalidade dos seus Apóstolos, a noção do Messias sionista pela do Messias espiritual e universal. Um exorcismo sutil teve de ser realizado. Ele esperou dois anos antes de iniciar esta delicada operação. Primeiro, tinha de certificar-se de que os seus Apóstolos acreditavam inabalavelmente Nele como o Messias. Ele teve de manifestar o seu poder através de milagres para dar aos discípulos confiança n'Ele. Foi assim que acreditaram n'Ele (João 2,11 / João 6,14). Só então Ele perguntou-lhes: «Quem sou eu para vós?» Apenas Pedro teve a coragem de responder: «Tu és o Messias». Jesus louvou-o, dizendo-lhe que esta revelação lhe vinha de Deus (Mateus 16,15-17). Assim, o primeiro passo, para garantir a sua fé n'Ele como Messias, tinha sido dado. No entanto, para Pedro e os Apóstolos, o messianismo de Jesus só poderia ser nacionalista; Ele é o Messias, sim, mas o Messias guerreiro! Pedro ainda estava a carregar a sua espada quando Jesus foi preso! (João 18,10-11).

O segundo e mais delicado passo a dar foi a revelação do seu messianismo espiritual; os Apóstolos nem sequer o puderam imaginar. Jesus, depois de ter obtido dos seus discípulos, pela primeira vez, o reconhecimento da sua qualidade de Messias, poderia dar este segundo passo, que consistia em apresentar-lhes a sua verdadeira face como um Messias espiritual, e não nacionalista. Foi isto que Ele fez ao anunciar-lhes, pela primeira vez, o seu próximo assassinato. Disse-lhes isto «desde aquele dia» quando o reconheceram como Messias, não antes, diz Mateus (Mateus 16:21). Era para lhes dizer: Eu sou o Messias, sim! Mas não vou restaurar um reino político. Para vos fazer compreender isto, serei entregue à morte.

A reação espontânea de Pedro foi rejeitar este anúncio inesperado: «Deus nos livre, Senhor! Não, isso não lhe acontecerá». Isto valeu-lhe uma severa reprimenda de Cristo: «Afasta-te de mim, Satanás! Sois uma ofensa para mim, pois os vossos pensamentos não são de Deus mas de homens» (Mateus 16,21-23). A reação de Pedro deve-se ao fato de os discípulos não poderem, naquele momento, imaginar que o Messias, o futuro rei de Israel e salvador da nação, acabaria numa cruz, como um criminoso comum, aqueles que já O imaginavam no trono de Israel, inaugurando a nova dinastia davídica. O Messias, o Rei de Israel, a morrer numa cruz?! Ele nunca morrerá numa cruz! Aquele que deve destronar Herodes e expulsar os romanos! Os Apóstolos «não compreenderam esta palavra: foi-lhes velada» (Lucas 9,44-45).

Esta concepção nacionalista, enraizada na mentalidade dos Apóstolos, aparece nas suas discussões íntimas. Quando chegaram a Cafarnaum, Jesus perguntou-lhes: «O que estavam a discutir no caminho? Eram silenciosos». No caminho tinham discutido quem era o maior (Marcos 9:33-34).

O silêncio dos Apóstolos revela o seu constrangimento perante esta questão. Eles compreenderam, pela forma como foi perguntado, que «Jesus sabia o que estava a ser discutido nos seus corações»

(Lucas 9,46-47). E que, com os seus olhos, o Mestre estava a censurá-los. Eles compreenderam o abismo que separava a sua concepção messiânica da concepção de Jesus. Ficaram em silêncio por vergonha.

Mais tarde, quando Jesus entrou em Jerusalém, ele repetiu a sua crucificação pela terceira vez. Imediatamente após o anunciar, longe de ser simpática, a mãe de Tiago e João «veio ter com os seus filhos e curvou-se e perguntou-lhe: 'Estes são os meus dois filhos; ordena que se sentem, um à tua direita e o outro à tua esquerda, no teu reino'» (Mateus 20:20-21).

Deve salientar-se que a abordagem desta mulher veio **imediatamente** após o terceiro anúncio da paixão de Jesus. Pois ele tinha acabado de lhes revelar: «Eis que vamos subir a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e escribas. Eles condená-lo-ão à morte e entregá-lo-ão aos gentios para serem desprezados, açoitados e crucificados, e ao terceiro dia Ele ressuscitará» (Mateus 20,17-19).

Os Evangelistas revelam-nos que estas palavras da Paixão não penetraram na mentalidade opaca dos Apóstolos: «Mas eles não compreenderam a palavra, e ela foi velada por eles para que não pudessem compreender o seu significado, e tiveram medo de Lhe perguntar sobre ela» (Lucas 9:45 e Marcos 9:31-32). Lucas acrescenta imediatamente a seguir: «E logo a seguir houve uma discussão entre eles, qual deles poderia ser o maior?» (Lucas 9,46) Os sofrimentos do Mestre foram ensombrados pelas suas ambições temporais.

Este equívoco dos Apóstolos aparece até ao momento da Ascensão de Jesus. Depois de os ter entretido «durante quarenta dias do Reino de Deus... eles (*ainda*) o interrogaram: 'Senhor, restaurarás tu neste momento o Reino de Israel?'» (Actos 1:3-6). Insisto neste ponto porque é importante. É necessário compreender o abismo que separava a mentalidade dos Apóstolos do Espírito de Jesus. Foi apenas quando receberam a força deste Espírito Santo que compreenderam. Foram então capazes de ser testemunhas dignas de Jesus «em Jerusalém, e em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra» (Actos 1,6-8).

Os crentes ainda hoje compreendem que o Reino Messiânico está **dentro de nós**? Não está nem nos estados políticos nem na glória humana. O Vaticano, ao proclamar-se um Estado em 1929 como outros Estados temporais, começou a sua traição, uma traição confirmada pelo reconhecimento do Estado de Israel em 1993.

Os Apóstolos tiveram de sofrer uma verdadeira lavagem ao cérebro por parte do Mestre, um «batismo». Ele só podia mudar a mentalidade deles na cruz. O conceito do Messias sionista em que eles acreditavam tinha de morrer. Jesus teve de morrer sem restaurar um reino israelita. Então a sua fé Nele como Messias - já não nacionalista, mas espiritual e universal - teve de continuar a viver neles; algo que só compreenderam mais tarde, após a crucificação de Jesus.

Assim, com a morte de Jesus, o ídolo sionista desmaiou na mente dos seus discípulos. Com a sua morte, Jesus venceu a morte do nacionalismo: «Eu venci o mundo», disse Jesus na véspera da sua crucificação (João 16,33).

Após a morte de Jesus, de fato, os Apóstolos continuaram a acreditar n'Ele como Messias. Descobriram assim a dimensão espiritual e universal da salvação. Deus já não é o monopólio dos judeus, Ele pertence ao mundo inteiro: «Deus é o Deus apenas dos judeus, e não dos gentios. Certamente também dos gentios» (Romanos 3:29). Por outro lado, os nacionalistas endurecidos, aqueles para quem Jesus era «uma causa de tropeço» (Mateus 11:6) e um «tropeço» (Romanos 9:30-33), ficaram chocados com a Sua falta de «patriotismo» e negaram-Lhe.

Deve ser feita uma distinção entre nacionalismo religioso culpável, criado em nome de uma fé - que é condenada por Deus - e patriotismo legal independente da fé.

Note-se que o Messias sionista representa qualquer espírito materialista e dominador. Este espírito tem seduzido inúmeros cristãos ao longo dos séculos. Eles não compreenderam nada sobre a Cruz

de Cristo. Todos os materialistas seguem o espírito do Messias sionista e morrem nos seus pecados. Este é o caso dos judeus que se recusaram no passado, e ainda hoje se recusam a acreditar em Jesus. Jesus repete hoje a todos nós: «Se não crederdes que eu sou (*o Messias*), morrereis nos vossos pecados» (João 8,21-24).

5. Judas

Quanto a Judas Iscariotes, o chamado apóstolo que traiu Cristo, ele nunca seguiu Jesus por convicção espiritual, mas por interesse material. Isto pode ser visto nas palavras de João sobre ele: «Ele era um ladrão, e segurando a bolsa, roubou o que foi posto nela» (João 12,6).

Judas acreditava que Jesus era o Messias nacionalista. A sua única ambição era ver o reino davídico restaurado por Jesus, para que ele pudesse estar numa posição de prestígio (ministro das finanças, por exemplo). Ele era espiritualmente indiferente aos milagres e discursos espirituais de Jesus. Ele via isto como um meio de restaurar o reino político e de realizar as suas próprias ambições materiais.

A sua indiferença mascarada às obras e palavras de Cristo aparece no julgamento de Jesus sobre Judas após o milagre da multiplicação dos pães e o seu discurso sobre o Pão da Vida: «Há entre vós alguns que não acreditam. Pois Jesus sabia quem eram os incrédulos e quem seria aquele que o trairia. . . . Desde então muitos dos Seus discípulos retiraram-se e deixaram de O acompanhar. Então Jesus disse aos Doze: 'Quereis vós também ir?' Simão Pedro respondeu-lhe: 'Senhor, a quem iremos nós? Tendes as Palavras da Vida Eterna'. Jesus respondeu: 'Não vos escolhi eu, os Doze? No entanto, um de vós é um demónio'. Ele falou de Judas, filho de Simão Iscariotes, pois era ele que O trairia, um dos Doze» (João 6,64-70).

Judas teria sido melhor reformar-se nesta altura com incrédulos como ele. Se ele ficou com o grupo, foi novamente, e apenas na esperança de realizar as suas ambições materiais. Quando Judas estava certo de que Jesus não pretendia estabelecer um reinado político, e que já não conseguia obter nada d'Ele, decidiu entregá-Lo (João 13,2).

O interesse material de Judas prevaleceu sobre todas as outras considerações, e isto é visto no seu desejo de libertar Jesus, derivando dele pelo menos algum lucro pecuniário. De fato, «Ele foi ter com os chefes dos sacerdotes (*que procuravam uma oportunidade para prender Jesus por engano*) e disse-lhes: 'O que quereis dar-me, e eu entregá-lho-ei'? Pagaram-lhe trinta moedas de prata» (Mateus 26:14-15).

Judas é a encarnação do drama de Jesus.

6. Os Apóstolos após a Cruz

Os peregrinos a Emaús ficaram consternados após a crucificação de Jesus, desapontados com a sua morte, pois disseram: «Esperávamos que Ele **entregasse Israel**» (Lucas 24,21). Estavam à espera de uma libertação política.

Na Ascensão, os Apóstolos, «quando O viram, caíram, mas alguns duvidaram» (Mateus 28:17). Qual foi a natureza desta dúvida? Duvidaram Dele como Messias porque Ele não tinha restaurado o Reino em Israel. Portanto, nessa altura voltaram a perguntar-lhe: «Será que neste momento vai restaurar o reino de Israel?» (Actos 1:6).

7. Os Judeus de Hoje

Hoje, o drama de Jesus é renovado pelo ressurgimento do nacionalismo judeu encarnado no Estado de Israel. Este Estado seduziu multidões de cristãos, levando-os a apoiá-lo cegamente. E isto apesar da advertência de Jesus: «Cuidado para não te enganares... quando vires a Abominação da Desolação no Lugar Santo (*Terra Santa, Jerusalém*)... Não os sigas...» (Mateus 24:4-15 / Lucas 21:7-8). E no entanto seguiram-nas!! (Mateus 24,4-15 / Lucas 21,7-8)

Como é possível convencer os judeus - especialmente os sionistas entre eles - de que Jesus de Nazaré é o Messias de que estão à espera?

Como convencê-los de que o reinado a que aspiram é espiritual e em favor de toda a humanidade?

Como podemos convencê-los a renunciar a um Estado político sionista através do qual querem governar o mundo?

Bem-aventurados aqueles entre eles que irão ouvir a voz do Messias crucificado, o Único capaz de dar a verdadeira Paz.

Copyright © 2023 - Pierre2.net - All rights reserved.